

# Diário do Rio de Janeiro.

O DIARIO DO RIO DE JANEIRO, propriedade de Nicolão Lobo Viana, publica-se nos dias que não forem de guarda, e subscreve-se na typographia da rua d'Ajudá n.º 79, a 12000 réis por anno: para fora da corte 16000 réis. — Pelos annuncios pagar-se-ha uma retribuição rasoável. — A correspondencia deve ser dirigida, FRANCA DE PORTO, ao Editor do DIARIO.

## CORREIOS

Hoje (22) parte o correio para S. Paulo, e deve chegar o de Cantagalo.

## VARIÉDADE.

## MISCELLANEA.

## A POLKA E O ROMANTISMO.

De quantos vocabulos correm por abina circulação familiar eu não conhço dois tão geraes, e tão comprehensivos, como *polka* e *romantismo*, o primeiro para objectos físicos, o segundo para mœras. Se vejo um homem com a cabeça rapada quasi à navalha a modo de quem sae da casa da cerceação, ou pelo contrario tão quedelhudo, como um leão, com palmo e meio de gasnete, e barbas de mouro, logo me dizem, que isso, é andar à polka. Uma qualdrapa com foros de casaca, com os engranques e botões abaixo das nadegas, ficando dest'arte o homem com corpo de feitio do gasanhoto pôe-mesa, traçar à polka.

Se se appresenta á cavallo um esganarello, choteando por esse mundo trazendo na cabeça um boiaozinho chamado chapéo, na boca um enorme charuto, muitas vezes apagado, metido n'uma burjaca de marujo, hoje denominada *pálito*, e na dextra um pedaço de caibro arvorado em bengalla, não tenho mais que perguntar, toda essa palhaçaria é andar e traçar à polka. E qual é entre nós a causa, que não estja sob o imperio da polka? Não só sao a polka todas as modas, e os vestuarios mais extravagantes, senão que até o comer, o beber, e as cousas mais usuaes da vida tudo é polka. Os nossos diarios quotidianamente annunciam bollos, sequilhos, doces, e até pão à polka! carne, peixe, farinha, vinho, aguardente, queijos, manteigas, tocinhos, presuntos, paio, choricos, alhos, cebolas, azeite, vinagre, tudo está à polka!

Há caias, há messas, há cadeiras à polka. Já se dão jantares e ceias à polka; e vi, nao ha muito tempo, certa procissão, que bem podia se baptisar em procissão à polka, por causa das extravagancias, que n'ella se apresentarão. Quem sabe, se de quantas fabricas legislativas, que possuimos, já terão sahido até leis a polka? E como quer que; segundo o antigo prologo *facile est inventis adidere eu cā multa em particular*, e aqui para nós tenho descoberto, narizes, olhos, bocas, e caras à polka. Eu vendo um nariz, que parece trasto emprestado, uns olhos que nada exprimem, e que mal se distinguem dos de vidro de qualquer imagem, uma boca desconformada das mais partes do rosto; e uma cara emfim de um tipo desconhecido, diga tambem que tudo isto é à polka. Antigamente estimava-se uma senhora garbosa, direita e bem

descompenada; hoje está forá de bom gosto, e da polka; porque para que ande a polka, e conseguintemente se torne agradavel, é mister que impure o pescoço e seio para diante, e volume bem as ancas para traz, de maneira que pareça, que quer abrir caminho em adjunto de grande aperto.

Assim como tudo quanto ha de fisico fóra do natural e ordinario, se chaama à polka, tudo, que é extravagante, monstruoso e desusado na moral, denomina-se romantico. Antigamente uma moça magra, como uma mumia, pallida, condor fixa de uma banda, febre lenta e periodica, e escarrinhos de sangue, era objecto de compaixão, e já todo o mundo se astastava d'ella pela supor thísica e proxima a sepultura: mas hoje não é assim; uma mulher n'este estado tem o título de romantica, e não faltam amadores que a namorem e requerbem. Se leio as poesias eroticas dos nossos maiores, observo que as bellas d'esses tempos goticos erão moças de formas carnudas e arredondadas, de tez alviroada, faces de papoila, labios de bacar, dentes de marfim, colo de alabastro, e olhos onde a partitura estava como estampada a abundancia do vigor e de vida; presentemente parece que não é geral esta regra; porque o amor tem-se tornado para os espíritos elevados uma abstracção; e dá-se grande apreço à uma mulher romantica, isto é, a uma mulher raduzida a esqueleto, com cõr de viola velha, e já bem proxima a dar contas a Deus, e que em verdade em outras eras só podia ser namorada do coveiro.

Em consequencia do apurado gosto romantico da senhora, que hoje tem a imprudencia de dizer, que é robusta, e gosa saude imperturbavel; porque para logo é tida e havida por camponesa, montezinha e assalvajada. Ainda que esteja saa, como um pero, em si lhe perguntando como passa, deve responder, que está incommodada do estomago, de enchaqueca, do sistema nervoso; e se chegar a dizer, que está no uso do charope d'aspargo, e na applicação de bichas, porque padece uma hypertrophia do coração, oh! isso seria oiro sobre asul; porque a hypertrophia é uma molestia iminentemente romautica, muito sentimental e do bom tom. Embora techa tão bom apetite, como um trabalhador de moshado, queixe-se sempre de seu fastio, e diante de gente, como o menos possível; porque a inapetencia é comida é causa muito romantica.

Vejo uma mulher descarnada e ossuda, fia como um demonio, e de mais a mais cheia de caprichos, richosa, hypochondriaca, e com desmaios e faniquitos. N'outro tempo uma mulher d'estas, chamava-se furia, dragao, serpente, estupor, e não havia filho de Eva, que se namorasse do simelhante megera; porém hoje, graças a escola de Shakespeare, de Schlegel, de Victor Hu-

go, de Reusard, d'Alfredo de Vigny, etc., etc., essa mulher é horrenda sim, mas por isso mesmo é romantica. N'esse seculo de ferro, mas de muita fé, de muito temor de Deus, de muita piedade, se uma mulher houvesse, que por paixão amatoria se suicidasse, que horror não causaria! Todos a considerarião no inferno, e seu cadaver não seria sepultado em lugar sagrado: mas nos nossos dias a mulher que se mata por ciúme, por vingança, ou por qualquer desgosto de amores, é uma heroína, é uma nova Sapho, não faltarão periodicos que lhe louvem a ação heroica; porque o suicidio é essencialmente romantico, e se houver parocho, que não a queira enterrar em sagrado, terá contra si a escola romantica, que chamará estupido, impostor e fumacista.

A senhora que quiser ser romantica deve fazer o seguinte: primeiramente ha de queixar-se de alguma enfermidade, como seja, a emicrania, a gastrite, a hypertrophia, alguma neuralgia, e qualquer affecção nervosa: item, fale sempre nas suas palpitações de coração, e na melancolia que padece, ponha bichas na região epigastrica, não se levante da cama antes das onze horas da manhã, não leia senão romances, novellas e tragedias, não perca baile, ou soirée, tenha os seus desmaios uma vez por outra, beba vinagre para não engordar, traga a cintura tão estreita, como a de um macaquinho, e as ancas enxumadas como uma bojarrona; item, diga, que o arrulo das pontas, e o cochar das sapos, o bramido das ondas são mais gratos ao seu triste coração, do que a melhor musica de Rossini, de Bellini, de Donizetti, etc. etc.; avirto, que nunca deve entrar em igreja, nem ouvir missa, nem confessar-se; porque estas cousas só as praticam mulheres matrizes e do vulgacho.

Tambem ha homens de procedimento e modos romanticos. Antigamente o sugito, que não respeitava a seus pais, que corrompia una virgem, que seduzia uma casada, que monocabava a religião, que maltratava os velhos, que espancava a sua mulher, que não tinha emprego, nem modo de vida, que não tinha estudos serios, que em tudo fallava, que de tudo queria decidir, chamava-se ignorante, radio, tolo, pedante, paralivio, libertino, grosseiro e malcriado; mas presentemente tudo se lhe desculpa, dizendo-se, que é um homem romantico!

Se o individuo troca o dia pela noite, anda vestido como um doido, se faz sonetos com treze ou quatorze pés, ou sem pés, nem cabeça; se compõe tragedias que fazem rir, e comedias que fazem chorar; se em um drama reproduz toda a historia de Carlos Magno; se o protagonista de uma sua tragedia apparece criancinha no primeiro acto em Meca, no segundo já um barbadão que se apaixona por uma princeza do Monomopata,

e no terceiro metamorfoseia-se em mulher, tudo na conta de poeta romantico, e não ha palavras, que bastem para applaudir-o. Finalmente com os vocabulos, Polka e Romantismo não ha extravagancia, não ha ridiculo, quer no fisico, quer no moral, que se não justifiquem e deixem de ter aceitação. Tudo é à polka, e tudo romantico. Como mudão os tempos! No de nossos maiores uma mulher que sofria ataques de esterismo dizia-se possessa, e lá ia ser exorcizada pelos frades; ao depois conhecera-se, que o esterismo era uma enfermidade, e d'elle tornarão conta os filhos de Esculapio. Hoje uma grande parte dos esterismos, nem são maleficos diabolicos, nem se unem pathologicos, são characteristicos de um certo genero de romantismo.

(Do Carapuceiro.)

## EXTERIOR.

## AS ELEIÇÕES INGLEZAS.

## III. — (Continuação.)

Assisti em Londres às duas assembléas preliminares de Guildhall e de Covent Garden, a primeira por detrás do S. Paulo, no centro mesmo da cidade, a segunda no quarteirão não menos populoso e mais fashionable de Westminster. Procurei reproduzir o carácter particular de cada uma d'ellas. — Na antiga sala ensuamaçada e gothica de Guildhall, a assembléa, exclusivamente composta de negociantes, era avida como o luero e apaixonada como o jogo: na praça de Coven-Garden, pelo contrario, os hustings ofereciam à vista ondas de povo adornado de fitas e de chapelinhas de sol, que dava a esta scena a apparença de um divertimento e fazia d'elle uma reuniao de mulheres que não um meeting de eleitores; na cidade batia-se com os pés, hirava-se, imitavão-se todos os gritos dos animaes mais barbaros; nem lord J. Russell, nem M. de Rothschild, nem M. Pattison poderia fazer-se ouvir; nos divertidos estrados de Coven-Garden, erão mais galantes e menos tumultuosos: os oradores erão ouvidos simão com favor ao menos com respeito, principalmente os moços excitavão na porção feminina da assembléa um entusiasmo impossivel de descrever; erão ramanhetes atirados do alto dos estrados levantados diante de todas as casas da praça vasta; erão lenços e leques agitados por trez ou quatro mil braços bonitos ao mesmo tempo; erão gritos confusos de «viva Cochrane!» pronunciados, pareceu-me, tanto com a boca como com o coração; era finalmente com o concerto perfumado de aplausos, de vozes de mulheres, de juramentos patrióticos, de juramentos amorosos, que enchião os ares de mil ruidos encantadores e que deveria lisongear tanto a vaidade dos oradores como sua eloquencia.

Devo dizer, M. Cochrane, no meio da chuva

— 92 —

fez um longo sonho de amor.

— Se eu estivesse a sós com elle! se elle me amasse, e não amasse senão a mim, com que ligeireza correria eu d'este balcão, me lançaria em seus braços, escutar-lhe-ia bater o coração! Mas, ai! que muito tarde tomei o logar de Beatriz!

E duas lagrimas lhe rolaram pelas faces.

— No entanto, continuou elle dando um suspiro, quando passa a trovada, a floresta continua a crescer, e ecohar o canto dos passaros: — Levão entaás trovadas mœras o coração todo inteiro? Quando o inverno tem tudo destruido, vem a primavera, que semela a vida no valle: — O coração pois só terá uma primavera?

Dissemos que na occasião solemne em que os bellos cabellos de Beatriz cabiam aos talhos da tesoura, duas mulheres vestidas com alguma extravagancia haviam entrado, com estrondo na igreja. Ora, leitor terá sem dúvida conhecido a comicá do teatro de *Variedades*, e a corista da Opera.

— Em que altura estão? perguntou uma d'ellas a uma moça que estava de joelhos à sombra de um pilar.

A moça (era Margarida de Parsonval) respondeu que a cerimonia estava prestes a acabar.

As duas camaradas atravessaram sem cerimonia a nave, derribando cadeiras, ou incomodando os fiéis.

— Pobre Beatriz! disse uma d'ellas ao ver Beatriz deitada.

Beatriz conheceu-lhe a voz.

— Onde estou eu? perguntou ella.

E como tinha a cabeça um pouco atordoada, tudo quanto se havia passado de hæres mezes lhe parecia um sonho doloroso. Aquella voz que ouvira lhe recordou todas as alegres loucuras da sua mocidade. Em alguns instantes viu passarem os divertidos annos, em que abrira o coração a todos os prazeres, e a si mesma perguntava se era possível que elle se tivesse tão violentamente desapegado das pompas do mundo.

— Onde estou eu? tornou ella a perguntar.

E viu aparecer a pallida figura do conde d'Orbessac, tão bella até depois da morte;

mas repeliu horrificada, com mão vitoriosa, esse passado ainda palpitable, que se erguera ante ella como para engolhal-a de novo em seus encantos.

— Agora, — disse levantando-se e contemplando os seus bellos cabellos esparsos a seus pés, aquelles bellos cabellos que Mauricio amara tanto, — agora, sinto que estou salva.

XXII.

FRAGMENTO DE UMA CARTA DE MARGARIDA A BEATRIZ.

A soror Clotilde, no convento das carmelitas.

« Hontem, estava eu sosinhá como sempre, triste como de costume: pensava em ti. Não te parece tambem que nós formamos uma só mulher em duas? Não sou eu que estou ainda no convento, e não és tu que ainda moras na rua de Provence? »

« A propósito, ainda não deiçei a tua casa, e desci porém para o primeiro andar. Vaidade das vaidades! Terei eu aqui mais luz e ar? mas ao menos dera-me o teu jardim; era o que mais me atraia para este apartamento. E de mais, cumpre dizer, o que a minha fortuna exigia que eu descesse alguns andares.

« Hontem poi estava eu sosinhá e triste, quando me vierão anunciar Rodolpho d'Orbessac, que quasi se não parece com o irmão; apenas tem uns ares da familia; além de que o sol da Africa o cresceu singularmente. Traz elle com orgulho uma cruz que ganhou na ultima campanha; entre tanto que confessava haver o seu ca-

vallo tido grande parte na gentileza premiada. Não sei para que te digo tudo isto,

« creio que é para chegar a um ponto mais interessante.

« Ao aparecer-me vinha elle triste; amava o irmão, e muito o tem chorado. —

« Vim a Paris, me disse elle com voz comovida, para saudar-lhe o tumulo, e dar execução aos seus legados » — « Ignora que estivesses no convento; tudo lhe contei. — Bem vê, lhe disse eu, que no

convento não viva a leváriao comelle à sepultura.

Passou Margarida segunda noite ante um leito funebre.

A hora do funeral do conde d'Orbessac, tres mulheres se achava de joelhos na igreja de Magdalena.

A primeira, recelando ser conhecida retirou-se logo que contemplou o feretro, e lhe deitou um olhar de despedida.

A segunda orava na capella da Virgem, e sustinha nos braços a terceira.

Esta ao levarem o corpo, soltou um grito agudo, e caiu no chão.

No mesmo dia partiu a condessa de Farigel para a Alemanha com o principe de Waldesthal, depois de encarregá-la de tres advogados celebres da defesa de seus direitos. Como essa mulher não tinha coração, por ahí a havia Deus castigado. A morte de Mauricio forá um golpe que lhe deixara uma ferida eterna.

A noite procurava Margarida consolar a Beatriz, lastimando-se com ella.

A infeliz Beatriz nem forças tinha para se queixar. Fitava a irmã em silencio, e com os olhos enchutados.

Margarida, disse elle de repente, voltas para o convento?

— Não, respondeu Margarida.

— Pois eu... vou.

— Beatriz! Beatriz! aquillo é o tumulo, e não a morte.

— E o que me convém, disse Beatriz com melancolicas esperanças. Quando estavas no convento, não tinhas ninguem a chorar.

— Chorar lá a minha unica amiga, que eu havia matado..

— Uma amiga? que cosa é essa? Eu lhe chorarei Mauricio com infinita satisfação. Lembra-me que no convento se respirou o cheiro do sepulcro: parecer-me-ha que estou lá com elle.

Margarida soltou um ai profundo, lembrando-se das tristes celulas da rua de Vau-

girard.

Beatriz chegara à janelha e contemplava as estrelas.

— Edeus, replicou ella, sou um gran-

de pecadora. A poder de expiações, talvez permitta Deus à minha alma reunir se com Mauricio no céo.

— Eu, dizia entre si Margarida, quero viver a vida que Deus deixou a seus filhos. Não sou tão pura que ame só a Deus; conheço de mais que tenho os pés na terra.

— Sabes, — disse depois para Beatriz, que cada uma de nós tem de herdar do conde de Parsonval quatro centos a quinhentos mil francos.

— Não quero d'elle um centílo, respondeu Beatriz; Mauricio deixou-me em seu testamento quasi tudo que lhe restava. Só quero os seus cabellos, que tive a triste coragem de cortar esta manhã, como se elle estivesse adormecido... Assim, minha querida Margarida, se tenho direito à herança do conde de Parsonval, ati o cedo de todo o meu coração. Tens rasas de viveres um pouco no mundo, eu n'elle tenho vivido de mais. Por minha vez te peço, não me esqueças inteiramente no redomoinho dos prazeres...

Margarida estava pensativa.